



Acta Scientiarum. Language and Culture
ISSN: 1983-4675
eduem@uem.br
Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Menezes Jordão, Clarissa; Halu, Regina Célia
Língua, cultura e letramentos: reflexões sob o olhar de um tigre
Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 31, núm. 2, 2009, pp. 231-232
Universidade Estadual de Maringá
.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426642012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

Língua, cultura e letramentos: reflexões sob o olhar de um tigre

KOO, Yew Lie. **Language, Culture and Literacy**: meaning-making in global contexts. Bangi Selangor: Universiti Kebangsaan Malaysia, 2008. 139 p. ISBN 978-983-9391-46-6.

Clarissa Menezes Jordão* e **Regina Célia Halu**

Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Rua XV de Novembro 1299, 80060-000, Curitiba, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: clarissa@ufpr.br

Professora pesquisadora da Universiti Kebangsaan (Universidade Nacional da Malásia), a Dra. Koo Yew Lie propõe refletir sobre língua, cultura e letramentos considerando as experiências discursivas de sujeitos multilíngues nos contextos multiculturais que caracterizam a sociedade malaia. A Malásia, que surgiu como estado nação apenas em 1963, ao se tornar independente da Grã-Bretanha, é mais conhecida entre nós brasileiros por se sobressair na economia global como parte dos Tigres Asiáticos. Menos conhecida é sua constituição multiétnica, com a presença de populações descendentes de países próximos, como a China e a Índia, e multilíngue, acomodando a língua oficial – Bahasa Melayu (literalmente, língua malaia), as variedades do inglês malaio, línguas chinesas (como o mandarim, o cantonês e o hokkien) e indianas (como o tâmil), além de outras línguas regionais. Para olhar para a diversidade e as diferenças nessa sociedade complexa, Koo adota uma perspectiva pós-moderna e procura acompanhar sujeitos fluidos em suas negociações de valores entre contextos individuais, comunitários, nacionais e globais, ou seja, sujeitos linguajantes fazedores de sentido que são e estão não em um mundo apenas, mas em vários.

No primeiro capítulo, Koo apresenta as questões em torno das quais desenvolve seu argumento a favor de um pluriletramento na sociedade e na educação, em particular, em cuja experiência seja possível construir sentidos que sustentem comunidades capazes de valorizar suas heranças e recursos locais enquanto “interrogam o global e o contemporâneo” (p. 8). Balizando seu texto estão as questões de como lidar com os desafios e contradições que leitores-aprendizes-cidadãos encontram ao procurar posições em uma pluralidade de discursos em contextos multiculturais e transnacionais; quais novas maneiras de ser e conhecer podem ser úteis para essa lida; como se dá a apropriação linguística, sociopolítica e cultural de discursos na construção de novos conhecimentos;

quais as consequências da hegemonia de línguas-padrão, especialmente do inglês em seu uso global, para a ecologia da variedade de línguas vivas que garantem sustento e são sustentadas pelas vozes de sujeitos construindo sentidos e seus mundos.

O segundo capítulo usa parte de um estudo de caso focando as práticas de letramento de dois mestrandos malaios, professores de inglês experientes, e as posições que assumem (ou não) como leitores de textos acadêmicos em língua inglesa. Ao procurar entender a submissão e retraimento desses dois estudantes proficientes linguisticamente e academicamente qualificados, Koo discute sobre um sistema educacional baseado na transmissão de conhecimento e orientado por uma política avaliativa objetivista, a qual acaba por determinar os conteúdos, invertendo os objetivos educacionais ao justificar a crença de que na Malásia “escolas e universidades treinam os alunos para se saírem bem em exames” (p. 13). Esse sistema compartilha as especificidades da sociedade malaia, tal como sua estrutura fortemente hierárquica e sua característica coletivista, em que se procura manter a harmonia social por meio de um respeito inquestionável por figuras de autoridade e do apagamento de vozes críticas. Interessante perceber que o ‘reconhecimento’ da hierarquia das línguas inglesas usadas no mundo hoje se insere adequadamente neste contexto. A língua da comunicação internacional, que garantiria a ascensão socioeconômica da nação, tem nos falantes nativos do círculo interno proprietários supostamente mais legítimos do que os falantes do círculo externo (KACHRU, 1985) e o respeito a essa hierarquia pode levar à impossibilidade, como no caso dos estudantes malaios, de vozes ‘subalternas’ dialogarem com a língua inglesa padrão dos textos acadêmicos.

O inglês malaio, continua Koo, conforme inscrito no círculo externo das línguas inglesas, recebendo o *status* de segunda língua na Malásia é, na verdade, um complexo de subvariedades, já descrito

em termos da variação entre acroleto, mesoleto e basileto (PLATT; WEBBER, 1980), isto é, uma variação do grau de inteligibilidade em contextos internacionais, nacionais ou específicos de uma região ou comunidade. Uma análise dos contextos e funções dessas variedades que se desenvolveram a partir das experiências coloniais e pós-coloniais da Malásia encontra-se no terceiro capítulo. A análise também cobre os processos de nativização de aspectos formais, funcionais e discursivos da língua inglesa pela interação com as línguas locais, ilustrados com exemplos de uso do inglês por falantes chineses malaios. Conhecer um pouco a complexidade do que se convencionou chamar de inglês malaio auxilia na leitura dos capítulos seguintes, quando Koo retoma e aprofunda a discussão das práticas de letramento dos multilíngues malaios e os discursos conflitantes dos quais participam.

No capítulo quatro encontra-se uma análise das práticas de letramento de um estudante malaio de descendência chinesa que é proficiente em inglês, bahasa melayu, mandarim e cantonês, e tem a língua chinesa hokkien como língua materna. Em torno desse caso, Koo expande sua crítica ao sistema socioeducacional na Malásia, tocando nas recentes mudanças na política linguística do país com a adoção da língua inglesa no ensino de ciência e tecnologia. Essas mudanças são exploradas no último capítulo, dentro do contexto das propostas conhecidas como Visão 2020, apresentadas em 1991 durante a elaboração do 6º Plano de Desenvolvimento da Malásia, estabelecendo o objetivo de ingressar no grupo das nações desenvolvidas até o ano 2020.

No quadro apresentado por Koo, no qual o discurso hegemônico enfatiza o desenvolvimento econômico para a construção da nação malaia, às custas da limitação de espaços públicos para circulação das diversas vozes locais, evitando-se tratar de questões étnicas consideradas potencialmente desestabilizadoras, faz sentido a manutenção de um sistema de ensino marcado por uma história colonial de educação de tradição positivista, voltado para a reprodução de informação. O contexto multilíngue e multicultural da complexa sociedade malaia expõe, entretanto, as contradições quanto ao que se espera de seus cidadãos nesse início de milênio. Daí a discussão dos posicionamentos possíveis dos sujeitos a partir do que Koo denomina de letramento submissivo e letramento afirmativo. Nas práticas de letramento submissivo espera-se que os participantes assumam o papel de porta-vozes de informações ou de copistas de textos, sem

responsabilidade pela origem das idéias (p. 20). No letramento afirmativo, os participantes assumem o papel de autores e transformadores dos textos, posicionando-se criticamente, práticas que Koo observa serem raras nos contextos educacionais formais da Malásia (p. 55).

Contrapondo-se às práticas dominantes de letramento submissivo, Koo desenvolve duas linhas de discussão: no capítulo 5 aborda a questão da ênfase nos recursos tecnológicos para assegurar a qualidade de ensino e no capítulo 6 argumenta sobre o que considera práticas de uso de línguas que realizam um ‘imperativo poético’. Quanto às novas tecnologias no ensino de línguas, vê a necessidade de uma perspectiva situada de práticas críticas que permitam ultrapassar uma visão tecnicista de aprendizagem de línguas assistida por computador. Quanto ao imperativo poético, trata-se de uma maneira de apresentar as participações discursivas nas variedades do inglês malaio considerando o surgimento de terceiros espaços de significado, onde a nativização dos discursos acontece.

Acompanhar o olhar reflexivo de Koo sobre a complexa sociedade malaia nos entrelaçamentos de línguas e culturas diversas é um necessário contraponto para pensar também a nossa sociedade brasileira, que compartilha do mesmo discurso hegemônico sobre desenvolvimento e educação. Quando citada na mídia brasileira, a Malásia é vista entre os tigres que desafiam as crises com um plano desenvolvimentista centrado na economia, apoiado no uso intensivo de tecnologias, inclusive para a educação, vista como fornecedora de trabalhadores qualificados, proficientes na língua do comércio internacional. O tigre que caminha pelos textos de Koo tem um passo mais incerto e um olhar mais reflexivo sobre suas próprias contradições ao procurar posicionamentos globais e sentir as tensões locais.

Referências

- KACHRU, B. B. Standards, codification and sociolinguistic realism: the English Language in the outer circle. In: QUIRK, R.; WIDDOWSON, H. (Ed.). *English in the world: teaching and learning the language and literatures*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 11-30.
- PLATT, P.; WEBER, H. *English in Singapore and Malaysia*. Kuala Lumpur: Oxford University Press, 1980.

Received on June 5, 2009.

Accepted on June 24, 2009.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.